

O MAGO E A ACADEMIA: O DISCURSO SOBRE PAULO COELHO THE WIZARD AND THE ACADEMY: DISCOURSES ABOUT PAULO COELHO

Priscila Finger do Prado

Universidade Federal do Paraná, Universidade Estadual do Centro-oeste
priscilletras@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho pretende analisar o discurso sobre Paulo Coelho na Academia Brasileira de Letras. Tendo em vista seu lugar discursivo de autor de *best-sellers*, percebemos certo desconforto da crítica e da Academia em relação ao autor que, muitas vezes, vê sua obra figurar na estante de “Auto-ajuda”. Partimos da hipótese de que esse discurso apareça de duas formas: a do silenciamento (da crítica) e a da aclamação (do público leitor). Nesse trabalho, contudo, analisaremos o discurso sobre Paulo Coelho que consta no *site* da Academia, tanto na sua apresentação quanto no seu discurso de posse, analisando possíveis movimentos de sentidos percebidos.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Coelho; ABL; discurso sobre.

ABSTRACT: This paper analyzes the discourse about Paulo Coelho at the Brazilian Academy of Letters. Given its discursive place of best-selling author, we noticed some discomfort from critics and the Academy towards the author who often sees their work appear on the shelf "Self-help". Our hypothesis is that the discourse on Paulo Coelho appears discursively in two ways: the silencing (critical) and acclaim (the reading public). In this work, however, we analyze the discourse about the author who appears on the Academy site, both in its presentation, and in his inaugural speech, analyzing possible movements of meanings surrounding this discourse.

KEYWORDS: Paulo Coelho; ABL; discourse on.

1 Considerações iniciais

Em termos de cânone literário, sabemos que há critérios para que uma obra faça parte ou não do rol das obras aceitas no conjunto de uma Literatura. E esses critérios de escolha são menos do público leitor em geral do que de um número reduzido de leitores autorizados (a crítica), tanto que muitas (para não dizer a maioria) das obras classificadas como *best sellers* (ou as mais vendidas) são duramente criticadas por esses leitores e não chegam a constituir o cânone nacional.

No cenário brasileiro, temos a presença (algo incômoda) da figura e da obra de Paulo Coelho sempre em um meio-termo entre o literário e a chamada “literatura de auto-ajuda”. Apesar de ser o autor brasileiro mais lido de todos os tempos fora do Brasil¹, e um dos três mais lidos no Brasil², há uma clara rejeição de sua obra por parte da crítica e da

1 De acordo com pesquisa Forbes. Disponível em: <<http://www.forbes.com/2009/08/31/alchemy-geneva-brazil-opinions-high-five-paulo-coelho.html>>. Acesso em 10 dez. 2015.

2 De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Nacional do Livro. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

academia (em sentido lato, de estudo universitário). Contudo, não é essa disparidade entre o que se estuda nas universidades e o que o público lê que causa estranhamento, mas o fato de esse mesmo autor, “rejeitado pela crítica”, fazer parte de uma das instituições mais sólidas do país como lugar autorizado para as Letras: a Academia Brasileira de Letras.

Tendo isso em vista, nosso objetivo neste trabalho é analisar o discurso sobre Paulo Coelho, partindo-se da dedução de que há uma oposição de sentidos que se entrecruzam na formação desse discurso, e de que essa constituição não se dá de maneira gratuita, uma vez que os discursos que se opõem denunciam formações discursivas diferentes dos sujeitos enunciadorees. Esses discursos que se entrecruzam seriam o do silêncio que julga e o do clamor que engrandece, relativos a sujeitos em posições discursivas bastante diversas. Grosso modo, teríamos a universidade e a academia de um lado, e o público leitor (brasileiro e estrangeiro) de outro. Em meio a essa contraposição, gostaríamos de analisar como o próprio sujeito Paulo Coelho organiza seu discurso da posição de membro da Academia Brasileira de Letras, fundando seu lugar discursivo entre os discursos do clamor do *best-seller* e do silêncio (desconfortável) acadêmico.

Para isso, fazemos uso do suporte teórico da Análise de discurso de linha francesa, tomando conceitos e reflexões de Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Bethania Mariani e Maria Cleci Venturini.

2 O discurso e as formações discursivas

Primeiramente, é importante destacar que nosso objeto de análise é o discurso, tomado da perspectiva teórica de Pêcheux (1997, p. 92), segundo o qual “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes”. Por esse viés, constatamos que nem sempre a escolha por uma posição no discurso é realmente uma Escolha, já que o sujeito é interpelado pela ideologia e acaba por se inscrever em determinadas formações discursivas, mesmo que inconscientemente.

Daí que, para o autor, se há alguma contradição na formação de um discurso sobre alguém ou algo, isso se dá porque há também algum tipo de contradição nas relações sociais e ideológicas de base desse discurso. Para Pêcheux (1997, p. 93),

as contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que mantêm, necessariamente, entre si os ‘processos discursivos’, na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classes.

Com isso, Pêcheux propõe, em verdade, uma teoria materialista do discurso, que busca encontrar lugares do discurso, do pré-construído, que estejam presentes no momento em que o sujeito “se apropria da linguagem”. Para ele (1997, p. 99), a questão do “pré-construído” seria “um dos pontos fundamentais da articulação da teoria dos discursos com a Linguística”.

As ideologias deveriam ser tomadas, conforme Pêcheux (1997, p. 129), não como ideias, mas como formas materiais que não têm origem nos sujeitos, mas que constituem os indivíduos em sujeitos.

Para fins de análise, Pêcheux (1997, p. 160) destaca que duas teses devem ser levadas em conta: a primeira é a que “as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Esse movimento de sentidos, que ele denomina “formação discursiva”, seria conceituado como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* [...]” (1988, p. 160). A relação entre sujeito, ideologia e discurso seria, pois, nas palavras de Pêcheux (1988, p. 161), esta: “Os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”.

A segunda tese é a de que “Toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao todo complexo dominante [interdiscurso] das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas definido mais acima” (1988, p. 163). A propósito de nossa análise, entendemos que é nesse eixo de sentidos, o do interdiscurso, que se encontraria o *discurso sobre* Paulo Coelho.

Nessa perspectiva, o discurso de não-aceitação do lugar literário de Paulo Coelho, por exemplo, seria o índice de uma ideologia que vê a prática literária como elitizada, prática de poucos, dirigida a um público seletivo. Por esse viés, o próprio entendimento e aceitação por parte do grande público representariam uma “falta” da obra e/ou do autor em relação a aspectos eruditos e literários.

Partindo de um preceito antigo sobre as funções da literatura, que seriam as de instruir e deleitar (princípio horaciano), podemos dizer que, da perspectiva dessa formação discursiva, a Grande Literatura abarcaria as duas funções, ao passo que a literatura mais vendida (o que, nas estantes das livrarias, acha-se com a denominação genérica de “Ficção”, a fim de não gerar problemas com a categoria de romance, mais estabilizada hoje no cânone) preencheria principalmente o papel de entretenimento. Assim, a aclamação dos leitores de Coelho estaria ligada a outra formação discursiva, a da literatura como gosto e recreação. Literatura como trabalho e literatura como entretenimento seriam ideias nucleares para as formações discursivas que rodeiam a pessoa e a obra de Paulo Coelho.

Para que se possa investigar como se dá determinado discurso e como ele se inscreve em dada formação discursiva, é necessário destacar o modo de funcionamento da linguagem “sem esquecer que esse funcionamento não é integralmente linguístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção, que representam o mecanismo de situar os protagonistas e o objeto de discurso” (ORLANDI, 2009b, p. 117). As formações discursivas apontadas, e que buscaremos comprovar, via análise linguística, são apresentadas na forma de discursos e silêncios, cujo “pano de fundo” seria, pois, formações ideológicas distintas.

Quanto à ideia de “discurso sobre”, buscamos referencial teórico nas leituras de Mariani (2003) e Venturini (2008). Faz-se necessário também aqui explicar como utilizamos essa expressão, visto que o uso da preposição DE ou da preposição SOBRE modificam a perspectiva do sujeito em relação ao discurso. Para Venturini (2008), as modalidades de “discurso de” e de “discurso sobre” seriam, ambas, pertencentes ao lugar da rememoração. Contudo, o “discurso sobre” estaria estabelecido como interdiscurso (pré-construído), ao passo que o “discurso de” teria o papel de discurso fundante, estando fortemente ligado ao primeiro: “o discurso sobre se constitui pelo discurso de, que

funciona como a memória que o constitui e como o discurso fundante que retorna e o ancora” (VENTURINI, 2008, p. 65).

Sabemos que as definições dadas por Venturini (2008) se baseiam em pesquisa de objeto de estudos específico, de modo que temos que utilizá-las com cuidado, buscando uma forma de adaptá-las ao nosso objeto, principalmente porque o discurso estudado pela autora, sobre Érico Veríssimo, constitui-se pelo viés da comemoração, ou seja, mais próximo à exaltação, ao passo que o discurso sobre Paulo Coelho apresenta outros efeitos de sentido. Mesmo assim, a busca pela análise de um “discurso de” ou de um “discurso sobre” possibilita efeitos de sentido diversos. Para o que aqui nos interessa, o discurso sobre, Bethânia Mariani, na leitura de Venturini (2008, p. 66), defende que “o efeito imediato do discurso sobre é tornar objeto o nome ou o evento sobre o qual fala o sujeito no discurso”. Falar sobre Paulo Coelho seria, pois, torná-lo objeto.

O que se deduz, a partir de leituras primeiras, é que a crítica a Paulo Coelho, o discurso sobre Paulo Coelho, aparece textualizada em artigos críticos a respeito de obras lançadas e artigos mais informais da internet, mas não vemos grandes posicionamentos por parte da academia (*lato sensu*). Em verdade, tem-se a impressão de que os representantes das universidades e da própria ABL não se sentem muito à vontade com a presença de Coelho entre eles, mas, como não seria ético criticar um colega, eles colocam seus discursos na ordem do silêncio.

Sabendo-se que, conforme aponta Orlandi (2009a, p. 21), a linguagem pode servir tanto para comunicar quanto para não comunicar, temos que também o silêncio seria produtor de sentidos. O silêncio dos críticos brasileiros em seus manuais e em suas histórias literárias, portanto, seria um fato de linguagem que denunciaria uma formação discursiva também.

O discurso sobre Paulo Coelho estaria, pois, numa posição de interdiscurso, preso a determinadas formações discursivas. Falar sobre Paulo Coelho é se inscrever em pelo menos duas formações discursivas diferentes, as quais, por sua vez, apresentam aspectos determinantes para a leitura das formações ideológicas que as mantêm. Superficialmente, é possível questionarmo-nos: por que não convém a determinada formação discursiva ter o discurso sobre Paulo Coelho como parte de si mesma? Que forças são essas que opõem o gosto popular às escolhas eruditas?

O presente trabalho justifica-se por buscar uma diferente perspectiva de análise do discurso de um *site* sobre um autor literário de grande destaque no cenário mundial, mas que ainda pouco tem adentrado o meio acadêmico como objeto de estudo. Entendemos, como docentes e pesquisadores da área de Letras, mais especificamente da área de Análise de Discurso, que nenhum discurso deve ficar fora do ambiente acadêmico, se ele está presente na vida de nossos alunos ou dos futuros alunos de nossos discentes. Tudo o que integra o nosso meio de leitura deve nos interessar.

3 Uma análise do discurso sobre Paulo Coelho: o mago e a academia

Primeiro, algumas datas. 1987, data da primeira publicação de Paulo Coelho que obteve maior reconhecimento do público, *O diário de um mago – o peregrino*. 2000, data em que o autor é condecorado Chevalier de l'Ordre National de la Legion d'Honneur. 2002, data de sua posse na Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 21, na

sucessão de Roberto Campos. E aqui já podemos verificar um movimento de sentidos para os acontecimentos discursivos da aceitação do público brasileiro, da aceitação institucional francesa (como resultado da aceitação do público leitor francês) e da aceitação institucional brasileira. Primeiro, temos o público leitor, anos depois (principalmente anos depois da publicação de *O alquimista*, livro que conquistou o público mundial e que está presente na lista dos mais lidos de todos os tempos³), uma instituição francesa de renome (para ficar só com um dos prêmios recebidos por Coelho), e só depois o reconhecimento institucional brasileiro. E não seria possível pensar que o motivo para esse reconhecimento nacional fosse o atestado do sucesso internacional do autor, que resultaria como certa “pressão” para os representantes da academia daqui? Só a leitura das datas nos permitiria tranquilamente essa leitura.

Segundo, a apresentação no *site* da Academia Brasileira de Letras. Percebemos certo cuidado com as palavras ao descrever a atividade literária do autor, mas, ao mesmo tempo, um aspecto publicitário de sua imagem. Suas obras são tratadas como “livros”: “[...] seu primeiro livro, *Arquivos do inferno*”, “[...] o livro *O manual prático do vampirismo*”, “[...] escreveu *O diário de um mago – o peregrino*”, “[...] publicou *O Alquimista*, que se transformaria no livro brasileiro mais vendido de todos os tempos”, “[...] Outros títulos se sucederam”⁴. O cuidado, aqui, está em não definir gêneros, não se fala em seus textos como “romances” ou “novelas”, mas como “livros”. E mesmo quando cita *O alquimista*, sua obra mais conhecida, o texto menciona a obra como “um dos mais importantes fenômenos literários do século XX”, mas não lhe atribui classificação genérica literária.

Quanto ao “aspecto publicitário” de sua biografia, notamos que, além do campo de atuação, dos livros publicados e dos prêmios recebidos, são acrescentadas informações que colocam sua obra dentro da perspectiva do polêmico: “Autor de um trabalho polêmico, tem críticos apaixonados – a favor em [sic] contra”; mas também da do elogio, elencando celebridades que elogiaram sua obra: Umberto Eco, Kenzaburo Oe (Nobel de Literatura), Shimon Peres (Nobel da Paz), Julia Roberts (atriz hollywoodiana) e Madonna (cantora americana).

Nesse quesito, percebemos uma necessidade de elencar casos de aceitação da crítica e da academia, do contrário, por que destacar o fato de que sua obra (aqui tratada, pela primeira vez, como romance) ter sido recomendada pelo currículo de leitura da The Graduate School of Business of the University of Chicago? Por que destacar que *O alquimista* serviu de inspiração para vários projetos, inclusive um musical no Japão? Por que mencionar o fato de que sua obra foi adotada em escolas da França, Itália, Brasil e Estados Unidos? Será por que é preciso explicar, justificar presença de Paulo Coelho ali, devido à “silenciosa negação” dos colegas e da crítica para o caráter “literário” de sua obra?

Na sequência de sua biografia, é nos apresentada uma visão humana do autor, com destaque para seu pertencimento ao *Board* do Instituto Shimon Peres para a Paz, bem como ao Conselho especial da UNESCO. Também é destacado o fato de o autor manter uma instituição de caridade. Ao meio desses dados, a informação de que o autor entrou para o livro dos recordes, o *Guinness Book*. Que imagem se quer dar desse autor, afinal? Um autor reconhecido com uma causa humana?

3 Os 10 livros mais lidos no mundo. Disponível em: <<http://www.aleitora.com.br/2010/10/listas-os-10-livros-mais-lidos-no-mundo/>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

4 As informações da biografia, citadas nesta parte, podem ser encontradas em: <<http://www.academia.org.br/academicos/paulo-coelho/biografia>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

Depois disso, é nos mostrada sua bibliografia e seus principais prêmios e condecorações, para então ser-nos apresentado seu discurso de posse. Até aqui, teríamos um discurso sobre Paulo Coelho da Academia Brasileira de Letras (possivelmente com dados fornecidos pelo próprio autor ou por sua assessoria de imprensa), mas seu discurso de posse nos mostraria um discurso sobre Paulo Coelho concedido por ele mesmo, apresentando-se como acadêmico, justificando seu lugar na instituição. Passemos à sua análise.

O discurso de posse de Paulo Coelho na ABL, assim como suas obras, apresenta um tom filosófico e espiritual. Sua primeira citação é de São Paulo: “a glória do mundo é transitória”⁵. É uma forma de justificativa ao acontecimento histórico e linguístico ali enunciado, a posse na Academia Brasileira de Letras. Coelho complementa dizendo que, apesar dessa constatação, o ser humano busca o reconhecimento. E candidatar-se a uma vaga na ABL é uma forma dessa busca por parte dele. Mesmo sabendo que qualquer “glória do mundo” seja mortal como o homem, ele acaba buscando a imortalidade, como memória. E para se inserir nesse meio, nada melhor do que comprovar que o conhece, que o domina; no caso, que conhece o cânone, por isso está apto para fazer parte dele.

Elencar a ideia de glória, de agradecimento e de modéstia (a glória do mundo é finita) é um argumento presente no interdiscurso “Posse na ABL”. Para traçar um paralelo, citemos três exemplos: o de Ana Maria Machado, o de Moacyr Scliar e o de Nélide Piñon.

A primeira, ao assumir sua cadeira na instituição, inicia seu discurso com uma citação: “A vida e a todos eu devo//por esta hora encantada.//não tenho como pagar// tamanha glória alcançada”⁶. E na sequência busca, em sua memória, possíveis relações entre sua vida e o momento de glória ora vivido, como forma de justificar sua presença ali. A memória costuma ter grande espaço nesse interdiscurso. Exaltar o momento, agradecer, lembrar, justificar.

O segundo acadêmico também registra o argumento da modéstia frente à glória do momento: “De repente nos damos conta de que aqui fomos precedidos por grandes escritores, figuras verdadeiramente lendárias em nossa vida e em nossa formação. Como disse Isaac Newton, nossa visão então se alarga, porque, mesmo diminutos, estamos sobre os ombros de gigantes”⁷. Os recém-chegados se colocam como aqueles que se ancoram na tradição, que a admiram e, por isso, podem estar ali. Daí também o grande número de citações e a ação comum de elencar e comentar os feitos dos que os antecederam frente às cadeiras designadas.

A terceira acadêmica não inicia pelo movimento de citar a glória do momento, mas finaliza seu discurso enunciando-a: “A esta Casa cheguei não tangida pelas glórias, que jamais consolam quando tanto nos falta ainda por fazer. Vim em busca, sim, do convívio enriquecedor, do ensejo único de privar com a preciosa memória que emana desta histórica instituição”⁸. Piñon não requer a glória para si, mas ao se colocar como membro da “histórica instituição”, com ensejo de privar com a “preciosa memória”, já não estaria se

5 Fonte: <<http://www.academia.org.br/academicos/paulo-coelho/discurso-de-posse>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

6 Fonte: <<http://www.academia.org.br/academicos/ana-maria-machado/discurso-de-posse>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

7 Fonte: <<http://www.academia.org.br/academicos/moacyr-scliar/discurso-de-posse>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

8 Fonte: <<http://www.academia.org.br/academicos/nelida-pinon/discurso-de-posse>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

colocando como “tangida pelas glórias”?

A citação desses fragmentos discursivos nos serve aqui para explicitar um movimento que é comum nos discursos de posse na ABL e que aqui tratamos como um interdiscurso, como sentidos que se deslocam, sentidos que pairam sobre os novos acadêmicos. E nada mais justo que se apropriar de alguns desses sentidos para tomar parte na glória de pertencer à Academia, justificando sua presença ali.

Outra prova que evidenciaria o domínio do meio pelo novo acadêmico seria apresentar uma ideia própria, uma mensagem literária e/ou humana que marque sua competência. Esse movimento discursivo comumente é dado pela memória do autor, por ações e/ou leituras que permitam identificar justificativas para o seu “estar ali”. E é o que Coelho vai apresentar em seu discurso de posse: o conhecimento do meio, a partir de citações de outros escritores conhecidos e/ou acadêmicos; e o seu lugar literário, no caso, a partir da postura que apresenta em suas obras, com enredos e mensagens que tendem à valorização do homem em seu caminho para a busca da realização pessoal e espiritual.

Coelho, ainda sobre o tema da glória do mundo como coisa almejada, mas passageira, cita Vinícius de Moraes, Gertrud Stein, Josué Montello, e apresenta como justificativa para almejar a glória transitória e, no seu caso, a cadeira de “imortal”, a “busca do sentido da vida”, tema que desenvolverá na sequência, com argumentos sobre o amor e a espiritualidade, os quais são recorrentes em sua obra.

Em seguida, o autor inicia uma relação entre os ocupantes da Cadeira 21 que o antecederam e sua própria percepção da busca do sentido da vida (e da glória). Para ele, é o amor que une a obra dos ocupantes da dita vaga na ABL:

Todos buscaram um sentido para suas vidas, mas, enquanto o procuravam, souberam transformar seus passos em manifestações de amor ao próximo. E aí o amor é entendido como algo mais amplo do que o simples ato de gostar⁹.

Em sua dissertação sobre os tipos de amor, Coelho cita sua experiência ao percorrer o Caminho de Santiago, relacionando-a com a expressão “combater o bom combate”, de São Paulo, a qual é diversas vezes citada em seus livros. Ou seja, o que se observa aqui é que o autor busca relacionar os elementos referentes à Academia à sua própria experiência e obra, como forma de se mostrar parte desse novo lugar. Nesse ponto de seu discurso, cita fragmentos de sua obra, sem que haja menção a essa citação, como o trecho a seguir, do livro *Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei* (1998):

O primeiro sintoma de que estamos matando nossos sonhos é a falta de tempo. As pessoas mais ocupadas que conheci na minha vida sempre têm tempo pra tudo e para todos. As que nada fazem estão sempre cansadas, não dão conta do pouco trabalho que precisam realizar, e se queixam constantemente que o dia é curto demais. Na verdade, elas têm medo de saber onde vai dar a misteriosa estrada que passa pela sua aldeia [...] ¹⁰.

O discurso é sobre amor, sobre combater “o bom combate”, sobre sonhos, sobre

9 Fonte: <<http://www.academia.org.br/academicos/paulo-coelho/discurso-de-posse>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

10 Fonte: <<http://www.academia.org.br/academicos/paulo-coelho/discurso-de-posse>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

escolhas e renúncias. Ao terminar esse discurso de citações de sua própria autoria, começa novamente a elencar relações entre o tema apresentado e seus antecessores na Cadeira 21, como Dias Gomes, Roberto Campos, José do Patrocínio, Mario de Alencar, Olegário Mariano, Álvaro Moreyra e Adonias Filho.

Então, o que se sucede é a história de sua candidatura à vaga de Roberto Campos, a qual, segundo Coelho, iniciou mais concretamente em 1997. A forma como o autor conduz essa pequena narrativa acompanha o estilo do autor em suas obras, em relação à temática do sonho e do momento de torná-lo realidade. O autor fala do momento em que recebeu a notícia da morte do acadêmico que o antecederia frente à Cadeira 21, Roberto Campos, e da escolha em candidatar-se ou não para a vaga:

Nos momentos em que precisamos tomar uma decisão muito importante, é melhor confiar no impulso, na paixão, porque a razão geralmente procura nos afastar do sonho – justificando que ainda não é chegada a hora. A razão tem medo da derrota. Mas a intuição gosta da vida, e dos desafios da vida. Eu também gosto, de modo que resolvi me candidatar, e confiei em meus amigos da Academia¹¹.

A vaga de imortal aparece como um sonho e, frente à possibilidade de alcançá-lo, o autor não retrocede, o que corrobora a ideologia que aparece em suas obras, de contrapor razão e emoção, vontade de vencer e medo de perder, sonhar e desacreditar. A partir da memória, Coelho retoma um episódio da infância, no qual teve seu primeiro contato com a Academia. O autor destaca a grande impressão que teve do lugar, 40 anos antes, mas também ressalta que esse sonho não teria sido possível nos anos 90 e, apesar de não explicar o porquê, emerge em seu discurso o seu lugar contraditório naquela instituição. Por que seria esse sonho uma heresia nos anos 90? O que, em sua obra, apesar do sucesso com os leitores, não agradaria aos membros da Academia? E por que, nos anos 2000, depois de sua condecoração como cavaleiro da Ordem Nacional da Legião de Honra da França, isso se tornou possível? As respostas a essas perguntas não aparecem em seu discurso, mas não poderíamos inferir que o reconhecimento internacional funcionou como uma espécie de “pressão” para que o reconhecimento nacional (e institucional) se desse?

Paulo Coelho destaca também a figura de Jorge Amado, um autor que teria sido também muito mais querido pelos leitores (no âmbito nacional e internacional) do que pela crítica (ao menos em vida). Coelho aponta que aprendeu com o autor, para ele, o maior escritor brasileiro do século XX, que “as utopias são possíveis”.

Na sequência, temos outro movimento discursivo: o de citar autores que não ganharam a consagração da imortalidade, como José Mauro Vasconcellos e Júlio César de Mello e Souza (Malba Tahan). Este teria influenciado o autor desde sua infância, e suas histórias “estariam na gestação” de seu livro mais conhecido, *O Alquimista*. Coelho apresenta, então, uma história fabular (como as que recorrentemente aparecem em seus escritos) do autor antes mencionado, Malba Tahan, sobre um homem e um sonho, e sobre o reconhecimento do mundo pelos homens, que nem sempre acontece como o esperado culturalmente, ou seja, um homem (ele?) pode escrever coisas que comumente não são admiradas e, mesmo assim, ser reconhecido...

O final de seu discurso retomar o movimento inicial, sobre a citação de São Paulo a

11 Fonte: <<http://www.academia.org.br/academicos/paulo-coelho/discurso-de-posse>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

cerca da relação entre a glória deste mundo e sua transitoriedade. Para ele, mais do que a glória do mundo, deve-se seguir sua “lenda pessoal”, fazer as escolhas certas, acreditar em utopias e lutar por elas. Antes de finalizar, apresenta uma lenda japonesa que enfatiza o sentido da utopia e da glória como coisas distintas, mas que, às vezes, podem se encontrar. O fim de seu discurso é uma retomada tanto de pontos abordados antes quanto por ideias apresentadas em sua obra: “Que seja assim com todos nós: às vezes os livros invisíveis, nascidos da generosidade para com o próximo, são tão importantes quanto aqueles que levam escritores a ocupar uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Obrigado”¹².

Com essa finalização, procura demonstrar, ao mesmo tempo, a dimensão de sonho que o momento ali presente significa para ele e a insignificância do título diante de ações tomadas com o intuito de ajudar os outros, de demonstrar o amor pelo próximo. Ou seja, o autor marca um entrecruzamento de sentidos de discursos diferentes, o acadêmico (da glória) e o utópico, demonstrando que os argumentos que mantêm em sua obra (do discurso utópico), apesar de nem sempre compreendidos e/ou valorizados, seriam, em verdade, tão importantes quanto (ou mais do que?) os argumentos do Erudito, do Acadêmico, o que, por si, justificaria sua presença *ali* como membro da ABL.

4 Considerações finais

Pudemos notar que ao menos duas formações discursivas fomentam seu discurso de posse: a de exaltação da Academia, lugar que admira e do qual passa a fazer parte a partir daquele acontecimento discursivo, e a da busca do sonho, da realização pessoal, da crença em algo, que muitas vezes não coincide com a glória, mas cujo próprio trajeto seria um objetivo.

Na formação discursiva de exaltação da Academia, entraria a valorização da cultura erudita, do fazer literário. Contudo, pudemos perceber que, mesmo quando apontava argumentos para essa FD, Coelho a imbuía de argumentos próprios de sua Formação Discursiva. Ao mencionar os autores que o antecederam à cadeira 21, por exemplo, o autor faz o movimento discursivo de juntá-los sob a lógica do amor, sendo que denomina a cadeira como “da Utopia”, buscando traços do utópico no fazer pessoal e literário de cada autor mencionado, inclusive de si mesmo, quanto ao sonho (agora realizado) de pertencer à ABL.

Na formação discursiva da busca do sonho, o autor marca a sua presença na ABL, seu diferencial. A citação que dá início e fim ao seu discurso não é de um grande autor literário (especificamente), mas de um santo, o que aponta a espiritualidade como traço de seu discurso, de seu lugar. O escritor se coloca no lugar de alguém que não se encaixa plenamente no universo acadêmico, que não é por todos admirado, mas que merece seu lugar ali, talvez, pela semente de utopia e espiritualidade que pode plantar em meio a esse ambiente menos afetivo da academia.

Assim, o escritor assume a dicotomia de sentidos que permeia seu lugar acadêmico, sua posição “polêmica”, mas deseja fazer parte daquele lugar e, por isso, mescla à sua a formação discursiva acadêmica, propondo uma troca que, a seu ver, pode

12 Fonte: <<http://www.academia.org.br/academicos/paulo-coelho/discurso-de-posse>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

ser produtiva para ambos os lados (o do mago e o da Academia).

Referências

COELHO, P. Biografia. Disponível em:
<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=322&sid=233>>.
Acesso em: 20 ago. 2014.

COELHO, P. Discurso de posse. Disponível em:
<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=320&sid=233>>.
Acesso em: 20 ago. 2014.

COELHO, P. *Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, A. M. Discurso de posse. Disponível em:
<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=135&sid=92>>. Acesso
em: 20 ago. 2014.

MARIANI, B. Discurso e instituição: a imprensa. *Revista Rua*. v. 5. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009a.

ORLANDI, E. P. Funcionamento e discurso. In: ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas/SP: Pontes, 2009b.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PIÑON, N. Discurso de posse. Disponível em:
<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=13474&sid=290>>.
Acesso em: 20 ago. 2014.

SCLIAR, M. Discurso de posse. Disponível em:
<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5237&sid=298>>.
Acesso em: 20 ago. 2014.

VENTURINI, M. C. *Rememoração/comemoração: prática discursiva de constituição de um imaginário urbano*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

Recebido em 22 de junho de 2015.
Aprovado em 24 de setembro de 2015.